

PORTUGAL SEJA LOUVADO! <sup>(1)</sup>

I

**P**OR amor da nossa vida, louvemos todos a terra que na partilha do mundo, por Deus foi dada às primeiras gentes do nosso sangue, para abrigo dos lares, para fé nas aras e esperança nas sepulturas. *Louvor da Terra.*

Altas montanhas da neve e dos sonhos, muralhas para defesa, varandas do sol e do luar, miradouros do mar e das estrélas, citânicas e crastos—por vós e em

---

<sup>(1)</sup> Palavras lidas na sala das sessões da Câmara Municipal de Santa Cruz da Graciosa, para termo de uma palestra alusiva aos centenários, após o içar da bandeira de El-Rei D. Afonso Henriques, a 4 de Junho de 1940.

vós cresceram desejos de grandeza, a ambição e o gôsto de atrair e dominar as almas, pelos signos do tempo.

Pedras e alcantifis lá se perdem no céu, a rasgar véus de neblina, dispersando os tesouros da luz, para dar alma e sorriso à vida. Nossos olhos levam as planuras criadoras do pão, linhares, pascigos e lavradas, alongam-se os vales do trabalho e do fumo dos casais, adormecem em sombra as árvores de pomos de oiro, mandam as veigas ao sol os seus beijos de flores.

Ouvem-se os prados a cantar, seus velários festivos erguem as amendoeiras, primárias comungantes da vida, na volta das estações; em festa de amor, adejam os perfumados sonhos dos laranjais; as galas da terra hilariante celebram e aclamam as graças do céu!

Louvemos os campos virentes por onde os idílios nos ninhos pipilam e nos casais suspiram, as balsas e sincerais em que os rouxinóis mais doridamente cantam de paixão.

Escutemos a súplica das alminhas nas encruzilhadas, subamos aos outeiros de ermidas brancas, vista de muralhas, castelos e açalaias com sangue nas faces, ressurgidos aos clarões de glória antiga.

Terra bem-querida das praias, das arribas e cabos, a conter o Oceano, colinas de portelas e desfiladeiros, mãe das florestas em escaladas de trono para nossas casas, barcas da vida, e para os navios, casas do mar; jardim de oliveiras para dar gôsto ao alimento, candeia aos lares e lâmpadas a Deus: Terra verde e azul, bendita sejas pela pobreza dos casais, moradas da fôrça e da virtude; e bendita sempre serás pela doçura das aldeias, pela nobreza das vilas, paz e regalo das tuas cidades!

Nós te louvamos, ó Terra-Mãe, berço e sepultura, horto de vida e morte com honra e humildade, dilecta filha dos astros e por êles beijada nas auroras do mundo!

Em ti repousam olhos e corações, por ti sobem para os céus as flores de alma

dos nossos louvores, ó Terra do Amor  
viçoso jardim de saúde, florido corpo  
de Portugal!

\*

Louvor da  
Água.

À virtude e graça da Água, sangue  
de vida no seio da terra, pura e clara  
nutriz de fôlhas e flores de alegre suavi-  
dade, louvor e glória cantemos!

Seja a linfa das rochas, sejam torren-  
tes de altas nuvens ou de neve cristalina,  
nascentes a murmurar à requeimada sêde  
dos caminheiros, fontes de amor e juven-  
tude para os dias da vida, espelhos de  
alinde dos pobres, levadas para mover  
moinhos — proclamemos bendita a água  
portuguesa dos rios mansos e bravos,  
dêsses rios, grandes caminhos, guardas  
da fronteira, tesouros de abundância de  
ricos e pedintes. Água de regatos, ribeiras  
e lagunas, de tempestades e de abismos,  
na ambição do Mar largo te perderás,  
por convulsas ondas de procela, por  
vazantes e esparcelos de calmaria.

Diante do Mar, humilha-se a Terra e  
em Deus se glorifica o céu.

Planura e montanha, a cada instante,  
trono de majestade e abismo tragador,  
claro espelho da vida do homem, foi pela  
virtude da certeza na incerteza do mar  
que a nossa independência de instinto a  
razão histórica se elevou.

Dos recantos da riba e praia, os limi-  
tes de Portugal se foram dilatando a abra-  
çar a Esfera, até se perder no horizonte  
de inquietos oceanos.

Sôbre a lavra das ondas pelas quilhas,  
as velas foram asas de navios e mortilhas  
de naufragos, traçando círculos no globo  
do mundo, enquanto em espuma flores-  
cia vasto cemitério de mareantes, jardim  
tumultuário de morte, por vagabundo  
exílio de mar e céu.

Mar, ó Mar, berço de esperanças,  
túmulo de ambições, campo aberto de  
perdição e triunfo, vida das vidas glorio-  
sas que a Pátria sublimaram! Mar das  
tentações e dos sonhos que de pequeno  
berço nos fizeste grandes no mundo: por

ti, nossos Avós viram terras ainda deslumbradas de luz genesiaca, e pelos mastros das naus capitainas, acenderam-se no céu novas estrêlas!

No abraço do Orbe, do mar e pelo Mar se gerou nosso destino de grandeza, nenhuma outra gente dantes vira êsses mistérios de terra e água, estranhas raças e seus tesouros.

A ouvir falas bárbaras, a sentir aromas nas distâncias desencantadas, para nenhum outro povo foram os oceanos profundos lacrimatórios das maiores dores por humanos sofridas, e caminhos de criadora vida nos ancoradouros e sertões.

Antes que o mundo lhe desse glória e riqueza, dera-se Portugal ao mundo em sacrifício, cortando em todos os mares largas ondas de sangue humano.

E de tantas rotas perdidas, em manhã de névoa, pelos recessos de grutas tenebrosas, lá reboam os coros dos naufragos errantes nas solidões do profundo.

Das gerações dos pescadores nasceram os navegadores, também pescadores de ilhas e de nações, para a nossa esperança e para a fé de Cristo.

Nos roteiros marítimos se escreveram as épicas legendas que as tubas continuarão espalhando no tempo e no espaço, em eterno Canto.

Louvemos com justiça os cavadores da Terra, mas com igual amor cantemos os lavradores do Mar que das águas recolhem nas rêdes o renôvo que a mão da Providência para todos semeou.

E com rumo certo, ó Mar, leva ainda os Portugueses às herdades oceânicas, para lhes matar a fome de pão e a sede de infinito, conquistando agora, sem ferro nem sangue, corações para a Bandeira, bôcas para a Língua e almas para Deus!

\*

Por terra e mar, louvados sejam o ar livre dos céus e o vento semeador de

*Louvor do Ar  
e do Vento.*

flores e frutos na alegria das brisas, em auroras e crepúsculos, e o vento-fôrça para desfraldar as velas de moinhos e de navios!

Respiração da terra, hálito da vida do mundo, hoje viração, ontem morte ou terror, ó ventos de mau agoiro, sacudi ao longe as asas de tempestade, amainai a fúria dos tufões, poupai as vidas aos pobres nos caminhos da serra e do vale, e levai a pôrto salvo os que andam sôbre as águas do mar!

E sêde sempre benvindos, a ondular promessas nas cearas, a descobrir o grão nas eiras, a derramar nas almas os perfumes da terra e das flores nas árvores, oscilantes como turibulos, a glorificar a grandeza do mundo para além das estrêlas.

\*

Louvor do  
Sol, da Luz  
e do Fogo.

Com amor louvemos o Sol português,  
luz de aço vivo com miragens de sonho  
e de alegria, a quente radiação que doira

a miséria do povo e converte as chagas em flores: luz de criação e de flagelo, de turbacão e serena paz, de feitiço e melodia, sê para sempre bendita!

Graça, doçura, suayidade dêste fulgor que as poças de água transforma em espelhos de cristal, e a saúde leva para as praias de além-mundo—o poder de Deus te guarde e conserve, ó Sol Transfigurador, que dás resignação à vida, guia e providência dos descaminhados, alegria das almas e das pedras!

Seja por nós louvado o sol criador das estações agrestes e amoráveis, júbilo de alimárias e voláteis, despertador de lírios e rosas, pintor das uvas e dos frutos, o feiçiceiro que transmuda as lamas dos marnéis em brancas rendas de nuvens.

Louvado seja! Louvado seja o Sol português!

À luz das alvoradas, os nossos olhos se abriram, a vida contemplaram nos

esplendores meridianos, e sempre se voltam para a funérea majestade dos poentes em que a terra chora, o mar soluça, enquanto o céu vela a face de tristeza, cobrindo-se da cinza do luto.

De noite, interrogam nossas almas as estrêlas, almenaras dos castelos de nuvens, que guardam a terra do desespero da solidão, e vai a lembrança para os luzeiros da celeste abóbada que lá por longe olhos portugueses antes de todos viram, a dilatar até ao fim do mundo, a grandeza da Criação.

De sol e de mar se coloriu a face de Portugal nos dias de vitória, com sangüíneos clarões a irradiar das fôlhas das espadas; e dêles nasceram o azul do céu, o luar de Janeiro e de Agôsto, em cujo mistério as almas escutam o prodigioso silêncio da terra.

Fogo dos lares em que os mortos revivem, lume que foi a fé e a esperança dos castelos pelos séculos da conquista, farol da vida das almas, ó

luz da candeia, alumia as horas de paz e abundância, os berços e os catres, a mesa e o oratório dos Portugueses!

Lume purificador que alegras as noites ermas pelas fogueiras dos pastores, chamadas da fé nos altares, ó fanais de alegria e alvorôço, conservai-vos fiéis por nossas vidas e vivos para a posteridade em todos os tempos!

Bendito sempre seja o Sol do céu, a luz dos lares e dos altares!

II

Recordemos e louvemos o povo em seu labor: as enxadas e os arados a abrir com lusitano vigor o seio da terra, os cajados dos pastores, ora bastões de comando, ora montantes de defesa, as rêdes a recolher no mar a abastança do marinho banquete.

Lembrar devemos com respeito o trabalho dos homens de ofício, a cortar pe-

*Louvor do Povo.*

dra, a afeiçoar madeira, a tecer a lã, a bater e domar o ferro, a cinzelar o ouro, a prata, o bronze, para regalo da vida e gôsto dos olhos.

Celebremos a dor e alegria das mulheres-mães, a embalar os filhos, e a sorrir para os berços, prolongando em pobres e ricos, pela lei da vida, as doces auroras da esperança nacional; e ao seu lado guardadas, ditosas sejam as filhas-donzelas que na cadeia do sangue sonham aumentar com novos tesouros de fôrça e virtude, a vida de Portugal.

E esquecidos não deixemos os clérigos e monges nas práticas da exaltação e da resignação, os missionários das terras de Além-Mar e as virgens religiosas que por lei de amor e caridade, vão rezando dia e noite para salvação de todos, convertendo em misericórdia a justiça de Deus.

Graças e louvores a todos quantos por obscuros trabalhos e sacrifícios foram obreiros do imortal esplendor da vida e

da arte portuguesa, êste povo do arado, da lança e do leme, sempre livre diante do Rei e escravo do Dever, capaz de suportar em silêncio a fome de pão, incapaz de conter o clamor da sua sêde de justiça.

Gente da Montanha, da Terra-Baixa e do Mar, a expandir anseios de alma por danças e descantes em que choram olhos e batem corações, ampliando miragens nos horizontes da vida, como ondas verdes nas searas — aqui nos alegamos de celebrar sua doce paz e humildade.

Romeiros de procissões, devotos de festas e arraiais, gente de modesto riso para o amor, povo de lágrimas quentes a regar a flor da saüdade em eternas despedidas — relembremos por êle as mãos que bordam e esculpem, as que semeiam beleza e graça pelos pincéis, e fazem acordar no barro, nos troncos e na profunda intimidade das pedras, as almas dos heróis, das virgens e dos santos.

Louvemos as inspirações obedientes à inspiração da crença, para transformar

rochas em jardins de catedrais, oferecendo beleza à vida e vida à beleza, por milagre de criadora virtude.

\*

*Louvor da  
Lingua Por-  
tuguesa.*

Fala do amor e da ternura para aberta confissão das almas, ó Língua Materna, rumor e carícia, oração e soluço, voz da verdade contra o êrro, música de cantigas e clamor de justiça — em hinos de alegria e vitória, pelo universo se espalhe e cante o teu louvor!

Graças devemos a Deus pela fala que nos deu, para nela erguermos os votos da Esperança, os ecos do Evangelho, as ordens de comando, as súplicas dos vencidos, as relações de terras e de remotas gentes!

Fala que mais cantou, chorou e rezou nas jornadas do Planeta, entre homens de tôdas as raças, entre raças de tôdas as côres: voz da terra e das águas, das nuvens e do vento, das almas e do sangue, pelas ondas do mar largo e pelas

bôcas do mundo, seja louvada e bendita a Língua Portuguesa!

### III

Exultemos com a glória dos Portugueses na Terra, no Mar e no Céu!

Em nossa lembrança passa o cortejo dos Reis, dos Príncipes e dos Infantes, vestidos de ferro, com floridos morriões e a vera cruz a rufilar nas armas e nos pavêses.

No juízo-final da História, êsses Reis antigos, senhores da Terra e pais do Povo, foram bons vassalos da Justiça, árbitros da Honra, mestres do Sacrifício pela vida e grandeza de Portugal!

Talharam a fronteira a ferro de espada, souberam poetar e ler, ganharam vitórias, batalhas perderam, e para lição de todos, ofereceram o sangue, a dor e a morte pela vida da Pátria.

Reis da Espada e da Lança, da Lira e do Arado, da Fé e do Império, da Restau-

*Louvor dos  
Reis, das  
Rainhas e  
dos Prin-  
cipes.*



ração e da Grandeza: levantai-vos hoje para receber o louvor que a nossa bôca vos confessa, o reconhecimento da vossa providência e govêrno, ó Reis da Conquista e Navegação, Capitães de Cristo, Fiadores e Tutores da Crei, abençoada seja a memória do vosso exemplo!

Preito e nonra, por justiça sejam rendidos às almas das Rainhas e das Infantas do heroísmo e da caridade, das dores e sacrificios, donas e donzelas preclaras, a dar honra ao Trono, amor ao Povo, glória e louvor a Deus nas alturas.

Rainha Mafalda, Rainha Santa Isabel, Rainhas Filipa, Leonor, Luísa, Maria..., as vossas almas encheram de consolações, e de bênçãos de ventura cobriram a terra e a gente de Portugal.

Por amor e sacrificio sofrestes, ó Rainhas e Princesas, mulheres como as mulheres do Povo, puras como donzelas, resignadas no martírio, fiéis e crentes em vossa vida e esperança nossa.

Louvadas e glorificadas sejais por todos os corações de mães, pela bon-

dade, justiça e gratidão dos mais dignos e generosos Portugueses!

Por grafa e reconhecida lembrança, em nossós peitos vivam os nomes dos arcebispos e bispos da Fundação, da Independência e da Restauração, êsses prelados-cavaleiros, guardas do Reino de Deus e soldados do Reino de Portugal.

Um dia cobertos de púrpuras, no outro, ajustando malhas e armaduras, para erguer nas mãos a cruz da Fé ou a espada da Honra e da Justiça, êles proclamaram a submissão dos reis da Terra à majestade de Deus Omnipotente, e por suas façanhas, bem souberam ganhar fama e galardões de virtude imortal.

Entre os grandes de Portugal, sejam sempre celebrados na memória os prelados da Conquista de Lisboa, os do Salado, de Aljubarrota, de Alcácer-Quibir, da Restauração, da criação e apostolado do Brasil e das Cristandades do Oriente,

*Louvor do Clero.*

bispos-capitães, sempre a batalhar para vencer ou morrer, ao serviço de Deus, do Rei e da Crei.

\*

*Louvor dos  
Cavaleiros  
Nobres e  
Soldados.*

Aclamemos as glórias de Nobres e Senhores, à lei da Honra submissos, por batalhas e emprêsas, a oferecer e a amar, por dever primeiro, o sacrifício das vidas e fazendas.

Mestres da acção, condutores dos combates, também eles sofreram desventuras e humilhações de vencidos na esperança de triunfadores, contra moiros, negros, vermelhos, contra gente de todos os climas, por continentes, ilhas e mares do vasto mundo.

O reconhecimento da História os nomeia, a justiça dos Portugueses para sempre glorificará os Varões Afonsinos, os Capitães de África, da Índia e do Brasil, e para cantar sua fama, nenhum pregão pode subir a tanta altura.

Louvores devemos aos soldados heróicos, os celebrados e os sem-nome, todos

quantos nas jornadas de oito séculos se levantaram para a guerra com lanças, bestas, espadas e espingardas, nas vigílias de armas, nas investidas das auroras, no fragor das batalhas e assédios.

Leais Portugueses, nascidos entre lágrimas de alegria ou dor, em lares opulentos ou miserandos, eles foram para o outro mundo, revoltos no pó e afogados em sangue, recolhendo nos olhos com a última luz de vida, a última bênção da Bandeira.

\*

Sejam louvados os Poetas, desde as alturas do Trono Real às choças de palha dos pastores!

*Louvor dos  
Poetas e dos  
Músicos.*

Na sucessão dos séculos, eles vieram espalhando nos céus as flores da alma portuguesa, exaltando heróis e chorando desditas; cantaram a graça das mulheres e o mistério das estações, os maiores amores humanos e divinos, em corações portugueses nascidos.

Aos músicos e cantores palmas de glória devemos pelos transportes de inspiração com que em dias de ventura e nas sombras da adversidade, transfundiram consolações e sonhos nas almas, elevando aos céus as súplicas, os trenos e os hinos do sentimento nacional, nas praças, nas guerras e nos templos.

*Louvor dos Navegadores e Mareantes.*

Alta glória seja prémio aos mareantes que pelos oceanos rasgaram os grandes caminhos do Orbe, unindo a Deus verdadeiro pela irmandade da gente cristã, as bárbaras nações da distância, do Oriente ao Poente!

Traçando mapas, descobrindo novas terras e novos céus, foram proclamando a unidade e liberdade do género humano, a todos os cantos do mundo levando a cruz da Redenção.

Dos pélagos oceânicos, aos ouvidos portugueses sempre sobem vozes de mistério por entre sepulturas e serras de água:

*Fomos os tristes mortais, os que a má sina perdeu; dêste abismo, nunca mais vemos terra ou luz do céu.*

*Com êstes ossos dispersos, em trevas sempre imersos, triste sorte a chorar, não tem fim nosso penar!*

*Em noite sem aurora, ó Portugueses que na vida passais, lembrai-vos dos que nasceram para morrer afogados nas águas do mar sem fundo! . . .*

São Geraldo, São Teotónio de Coimbra, São Frutuoso, Santo António de Lisboa, Santa Mafalda, São João da Mata, São Frei Gil, São Gonçalo, Rainha Santa Isabel, Santa Joana Princesa, Beato Nuno de Santa Maria e todos os Bem-Aventurados que da Terra Portuguesa ao Céu subistes, para ver a face de Deus:

*Louvor e súplica aos Santos.*

Pela terra de que vos formastes, pela água que bebestes, pelo sol e pelos astros

a-que os vossos olhos se abriam para as maravilhas da Criação:

Rogai a Deus pela Vida de Portugal!

Por alma dos que vos geraram, pela fé dos Cavaleiros, dos Heróis e Mártires, pelo sangue português em justa guerra derramado:

Rogai a Deus pela Honra de Portugal!

Dai-nos paz e alegria, ó Santos em glória, celestes padroeiros da Pátria Amada, convertei em virtude os pecados e erros da lusa gente, consolai os tristes, os pobres sejam socorridos por vossa intercessão; aliviad as dores dos enfermos, dai luz aos cegos da fé cristã, e vinde hoje, vestidos de graça, participar do nosso júbilo na comunhão geral dos affectos e do sentimento da Grei:

Rogai a Deus pela Glória de Portugal!

\*

*(A oração dos Santos agora ressoa nos ouvidos das almas, por milagroso eco de fé e esperança).*

Deus e Senhor Nosso, dai-nos a bênção de salvação para a Terra Portuguesa em que a primeira luz vimos, e para Vós na fé da vida e da morte renascemos!

*Louvor dos Santos a Deus-Criador de Portugal.*

Deus Omnipotente, Rei e Senhor dos Mundos, para Vós todo o amor e glória dos Anjos, dos Santos e dos Homens! Glória e Amor, Senhor! Senhor!

Deus-Criador de Portugal que em nosso nome e para glória vossa, com fé viva ergueu templos e altares:

Louvado e bendito sejais, Senhor, pela Pátria que nos destes, pelo Povo de que nascemos, pela Língua em que falamos e rezámos.

Sêde louvado pela sofredora virtude das mães, pelos duros sacrificios dos pais, pelas esperanças dos filhos!

Bendito sejais, Senhor Deus e Rei,  
pelos Reis e Rainhas, pela Cruz e pela  
Espada do Império da Fé!

Pelos Soldados e pelo Povo, louvado  
sejais, Senhor!

Conservai o ânimo e vigor dos Por-  
tugueses, perdoai aos que morreram,  
abençoi os porvindouros, e a nossa  
Pátria terrena, em todos os séculos viverá  
por sua honra e glória vossa!

Senhor! Senhor! No reconhecimento  
das graças e na esperança da virtude,  
todos nós, Portugueses, para sempre vos  
louvamos, por todos os séculos de sécu-  
los vos confessamos e glorificamos:

*Te Deum laudamus!*

Escrito na prisão de Lisboa, em 9 de Fevereiro de 1940.

## NA LUZ

**D**EPOIS de andar três léguas, até às  
primeiras casas da aldeia de  
Nossa Senhora da Luz, quasi  
alcançamos o extremo sul da Ilha Gra-  
ciosa.

Pelas estradas que para um e outro  
lado se cruzam e recruzam com entu-  
siasmo eleitoral, os mesmos cuidadosos  
amanhos aformoseiam os campos, os  
montes e montículos, a alternar com  
várzeas por onde agora vicejam nos  
milharais, as promessas vingadoras de  
um ano de fome.

Por pouco, não se goza em todo o  
passeio a vista do mar que, sem decli-